Revista Científica Brazilian Journal of HEALTH AND PHARMACY

CRFMG

A interprofissionalidade no curso de Farmácia de uma universidade pública brasileira: um relato de experiência

Interprofissionalism in the Pharmacy course of a public Brazilian university: a narrative of experience.

Fernanda Pimentel de Lima[1]; Daniela Elias Balducci[1]; Yasmin Bastos Campos[1]; Yasmin dos Santos Louzano[1]; Roberta Garcia Gomes[2]; Silvana Maria Coelho Leite Fava[2]; Tiago Marques dos Reis[1]; Liliana Batista Vieira[1]*.

[1] *Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, Minas Gerais, Brasil.*

[2] *Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, Minas Gerais, Brasil.*

***Autor correspondente:** Liliana Batista Vieira (ORCID: 0000-0003-2273-5326)

E-mail: liliana.vieira@sou.unifal-mg.edu.br

Data de Submissão: 11/06/2025; **Data do Aceite:** 07/10/2025.

Citar: LIMA, F. P.; BALDUCCI, D. E.; CAMPOS, Y. B.; SANTOS, Y. L.; REIS, T. M.; VIEIRA, L. B. A interprofissionalidade no curso de Farmácia de uma universidade pública brasileira: avanços e desafios. **Brazilian Journal of Health and Pharmacy**, v. 8, e255, 2026. DOI: https://doi.org/10.68548/bjhp.v8i2026.255.

RESUMO

A interprofissionalidade na saúde é essencial para um cuidado centrado no paciente, mas ainda enfrenta desafios durante a formação acadêmica. Embora a disciplina tenha envolvido 24 acadêmicos de diversas áreas da saúde, o relato de experiência tem como foco a percepção das quatro discentes do curso de Farmácia da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL) em uma disciplina interprofissional intitulada "Educação Interprofissional no Contexto dos Cuidados em Terapia Intensiva Adulto", promovida pela Escola de Enfermagem. Durante uma semana, os alunos acompanharam pacientes em um Centro de Terapia Intensiva Adulto (CTI) e, de forma qualitativa, discutiram suas percepções em grupos focais e reuniões clínicas com acadêmicos, docentes e profissionais de Enfermagem, Farmácia, Medicina, Fisioterapia, Nutrição e Odontologia. A experiência evidenciou dificuldades, como compreender termos técnicos de outras áreas e propor intervenções farmacêuticas com segurança. Observou-se que a formação em Farmácia ainda preconiza disciplinas básicas e tecnológicas, restringindo a prática clínica. Contudo, o contato com pacientes e a troca entre áreas reforçaram o entendimento sobre o papel do farmacêutico. O relato destaca a importância de inserir atividades interprofissionais na graduação, como estágios compartilhados, simulações clínicas e discussões de casos reais. A vivência demonstrou que a colaboração multiprofissional qualifica a assistência e prepara futuros profissionais com maior segurança, sendo crucial desenvolver a interprofissionalidade para consolidar uma prática farmacêutica integrada, eficaz e comprometida com a segurança do paciente.

Palavras-chave: Educação interprofissional; estudantes de farmácia; educação em farmácia.

ABSTRACT

Interprofessionality in healthcare is essential for patient-centered care but still faces challenges during academic training. Although the discipline involved 24 academics from different areas of health, the experience report focuses on the perception of four students from the Pharmacy course at the Federal University of Alfenas (UNIFAL) in an interprofessional discipline entitled "Interprofessional Education in the Context of Care in Adult Intensive Care", promoted by the School of Nursing. For one week, the students accompanied patients in an Adult Intensive Care Unit (ICU) and qualitatively discussed their perceptions in focus groups and clinical meetings with students, faculty, and professionals from Nursing, Pharmacy, Medicine, Physiotherapy, Nutrition, and Dentistry. The experience revealed difficulties such as understanding technical terms from other fields and safely proposing pharmaceutical interventions. Despite the predominant focus of Pharmacy education on basic and technological disciplines, limiting clinical practice, direct patient contact and knowledge exchange across professions reinforced the understanding of the pharmacist's role. The findings highlight the importance of integrating interprofessional activities into undergraduate education, including shared internships, clinical simulations, and real case discussions. Multiprofessional collaboration was shown to improve healthcare delivery and strengthen the training of future professionals, underscoring the need to foster interprofessionality for a safer and more integrated pharmaceutical practice.

Keywords: Interprofessional education; pharmacy students; pharmacy education.

INTRODUÇÃO

A Farmácia no Brasil surgiu no período colonial, inicialmente exercida por boticários que manipulavam medicamentos personalizados baseados em conhecimentos tradicionais e insumos naturais (CFF, 2011). Em 1832, foi instituído o primeiro curso de Ciências Farmacêuticas na Universidade do Rio de Janeiro, e em 1886 o título "boticário" foi substituído por "farmacêutico", consolidando a regulamentação da profissão para garantir a segurança e qualidade dos medicamentos (CFF, 2011; CFF 2008). Com o avanço tecnológico, a farmácia deixou de ser artesanal e tornou-se um setor tecnológico, com produção em larga escala e aprimoramento da formação profissional, ampliando seu impacto na saúde pública (Serafin, 2015).

Atualmente o farmacêutico pode atuar em cerca de 131 especializações reconhecidas pelo Conselho Federal de Farmácia, sendo a Farmácia Clínica uma das mais relevantes, oficializada pela Resolução CFF nº 585/2013. Nessa área, o profissional vai além da dispensação, atuando no uso seguro e eficaz dos medicamentos por meio do monitoramento terapêutico, orientação e intervenções junto à equipe de saúde (Miranda *et al.*, 2012). A formação, guiada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, busca preparar profissionais generalistas, críticos e humanistas, com foco em cuidado, tecnologia e gestão (Brasil, 2013; Brasil, 2017). Contudo, a prática clínica ainda enfrenta entraves, como a resistência institucional, a baixa valorização dos serviços e as dificuldades de integração interprofissional.

No contexto hospitalar, o farmacêutico clínico atua com os demais profissionais da saúde proporcionando cuidado integrado e seguro ao paciente. A interprofissionalidade é fundamental, pois une as expertises para melhores desfechos clínicos (Margoto *et al.*, 2024). Contudo, essa realidade não é uniforme no país, e em muitas regiões o farmacêutico enfrenta barreiras para atuar clinicamente.

A complexidade do cuidado ao paciente grave, especialmente em unidades de terapia intensiva (UTIs), exige monitorização constante, intervenções complexas e trabalho multiprofissional altamente qualificado. Além disso, o cuidado humanizado, a comunicação empática e o manejo dos dilemas bioéticos são essenciais para o suporte ao paciente e à família (Azoulay *et al.*, 2017). Assim, a interprofissionalidade, a qualificação técnica e a flexibilidade tornam-se essenciais para a segurança e eficácia do tratamento.

A interprofissionalidade na saúde envolve a integração de saberes e a cooperação entre diferentes profissionais por meio da colaboração, comunicação e respeito mútuo. Essa prática fortalece a segurança do cuidado, minimiza falhas e melhora a eficácia terapêutica, garantindo uma atenção integral e humanizada (Ceccim, 2018; Viana, Hostins, 2022). Sua implementação desde a graduação favorece o desenvolvimento de uma identidade profissional colaborativa. No Brasil, a institucionalização dessas práticas é vital para fortalecer o Sistema Único de Saúde (SUS), apesar dos desafios impostos pela cultura hierarquizada e fragmentação dos processos (Peduzzi, Agreli, 2018).

Entretanto, a interprofissionalidade ainda é pouco incorporada nos currículos universitários, ficando restrita a projetos de extensão. A predominância de conteúdos uniprofissionais e a fragmentação curricular limitam a interação dos estudantes com outras áreas da saúde (Spagnol *et al.*, 2022). A resistência de docentes e profissionais às mudanças pedagógicas e a falta de estágios clínicos de qualidade dificultam o trabalho interprofissional após a graduação. Desta forma, um currículo mais integrado, com estágios supervisionados desde os primeiros períodos, ampliaria a imersão dos estudantes nos serviços clínicos.

Diante desse cenário, este trabalho visa relatar a experiência de acadêmicos de Farmácia de uma universidade pública brasileira, que participaram de uma disciplina interprofissional em terapia intensiva adulto, promovida pelo curso de Enfermagem da mesma instituição.

MÉTODOS

A fim de possibilitar um maior contato e conhecimento de acadêmicos da área da saúde com a interprofissionalidade, foi oferecida pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais (UNIFAL-MG), durante as duas primeiras semanas do mês de Fevereiro de 2025, uma disciplina optativa denominada como "Educação Interprofissional no Contexto dos Cuidados em Terapia Intensiva Adulto". Participaram da disciplina 24 acadêmicos da Universidade, todos em períodos avançados de seus respectivos cursos de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Medicina, Nutrição e Odontologia. A participação se limitou à 4 discentes de cada curso, devido à capacidade limitada do Centro de Terapia Intensiva Adulto (CTI), considerando questões como contaminação, tamanho do local e a presença de acompanhantes, por isso, os estudantes foram divididos em dois grupos de 12 participantes. Cada grupo incluiu dois representantes de cada curso e participou da disciplina por uma semana, realizando as atividades de forma sequencial. A escolha dos participantes deu-se a partir dos interessados de cada curso em participarem da disciplina, e selecionados a partir do coeficiente acadêmico, como critério de desempate.

No geral, a dinâmica da disciplina consistiu em visitas diárias dos grupos ao Centro de Terapia Intensiva (CTI) adulto de um hospital do Sul de Minas Gerais, durante o período da manhã, onde os estudantes puderam conhecer o funcionamento de uma CTI, entender o papel de sua profissão no cuidado do paciente crítico e acompanhar os casos dos pacientes internados, juntamente aos profissionais do hospital. No período da tarde, eram realizadas reuniões, onde os estudantes discutiam o caso clínico acompanhado no CTI, compartilhando suas percepções sobre o papel e a contribuição de sua própria profissão no cuidado do paciente. Essas discussões, mediadas pelos docentes, permitiram a coleta de informações qualitativas sobre a compreensão dos acadêmicos a respeito da interprofissionalidade, suas reflexões sobre as intervenções propostas e a integração entre as diferentes áreas da saúde. A partir da percepção de discentes de cada curso, foi sugerida a escrita deste relato de experiência, de modo a identificar temas recorrentes, percepções compartilhadas e desafios observados pelos estudantes no contexto do cuidado interprofissional, para cada profissão.

Detalhadamente, no primeiro dia de cada semana, os acadêmicos conheceram o CTI e os pacientes internados e foram informados sobre as atribuições e serviços de cada profissão. Após entender as condições e necessidades de cada paciente, na primeira tarde de discussão, um paciente foi escolhido de acordo com o critério de maior possibilidade de colaboração para a educação interprofissional. Como o objetivo da disciplina era demonstrar a importância de cada profissional no cuidado do paciente, a ideia foi escolher um paciente que tivesse abertura de cuidado e intervenção de todas as profissões.

Após a escolha do paciente, as próximas visitas ao CTI e discussões com os professores e acadêmicos foram baseadas em possíveis intervenções que cada profissional do hospital poderia realizar, visando a melhor qualidade de vida e evolução possível ao paciente. As intervenções propostas não precisavam, necessariamente, seguir o que os profissionais do CTI estavam realizando, afinal, as intervenções foram elaboradas a partir da visão dos acadêmicos, de acordo com o que aprenderam durante a graduação. As acadêmicas de farmácia revezavam sua participação no hospital entre o contato com o CTI e o contato com a farmácia hospitalar do local, compreendendo todo o processo de dispensação de um medicamento desde a decisão do médico, até a administração pela equipe de enfermagem.

No decorrer da semana, durante as reuniões, os acadêmicos prepararam um plano terapêutico com as intervenções propostas para cada profissão, de forma interprofissional, e esse plano foi apresentado aos profissionais de saúde e funcionários do hospital, no último dia da disciplina, durante uma reunião com todos os membros do CTI. A propósito, a apresentação do estudo de caso interprofissional, foi para acadêmicos, docentes e trabalhadores do hospital refletirem sobre a importância e necessidade da interprofissionalidade no cuidado do paciente.

Tampouco, para enriquecer a análise, também foi coletado o relato da professora do curso de Farmácia que acompanhou os acadêmicos durante a disciplina. Em conversas ao longo

da atividade, ela compartilhou suas impressões sobre o desenvolvimento dos acadêmicos, os desafios enfrentados e a importância da experiência para a formação farmacêutica.

Ética

O projeto para realização dessa disciplina interprofissional foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UNIFAL sob o parecer de número 83478724.7.0000.5142, tendo sido obtido o consentimento prévio dos pacientes acompanhados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para os 4 acadêmicos do curso de Farmácia a disciplina optativa de Educação Interprofissional no Contexto dos Cuidados em Terapia Intensiva de Adulto proporcionou uma experiência enriquecedora, pois possibilitou elaborar um planejamento terapêutico interprofissional no cuidado de um paciente. As reuniões interprofissionais favoreceram a discussão do caso e a elaboração de estratégias de intervenções para os pacientes, uma vez que a alta demanda do trabalho dos profissionais e a dinâmica de organização dentro do ambiente da CTI impossibilitam, muitas vezes, a discussão imediata sobre o estado do paciente ou durante a passagem de plantão por todos os profissionais de saúde do hospital.

Além disso, as discussões possibilitaram articular as necessidades clínicas da paciente com as perspectivas críticas de cada área, evidenciando a contribuição essencial de todos os profissionais tanto na construção quanto na garantia do bem-estar do indivíduo. Essa experiência concretizou na prática o conceito de colaboração interprofissional proposto por Toassi (2017), que a define como 'a atuação conjunta de dois ou mais profissionais de saúde de forma interativa, compartilhando objetivos comuns e reconhecendo tanto a importância quanto o papel complementar de cada profissão no cuidado integral ao paciente'

Durante a realização das atividades da disciplina interprofissional, alguns desafios foram enfrentados pelos acadêmicos do curso de Farmácia. Uma das principais barreiras foi a dificuldade de entendimento dos termos técnicos utilizados por outras áreas da saúde, o que evidenciou lacunas na formação farmacêutica, principalmente em dinâmicas que visam uma formação generalista, na qual não é possível aprofundar grandemente em todas as áreas de atuação. Além disso, a comunicação interprofissional mostrou ser um desafio, uma vez que esses acadêmicos relataram dificuldade de expressar suas opiniões dentro da equipe, principalmente devido a falta de experiência prévia em atividades colaborativas com outras profissões da saúde. Esta dificuldade reforça o que foi observado por Rose (2011), que identificou a comunicação como um dos principais obstáculos à colaboração efetiva em ambientes de terapia intensiva.

Outro aspecto relevante foi que os acadêmicos se sentiram desafiados a colocar em prática o conhecimento farmacêutico adquirido na graduação ao cuidado interprofissional, além da dificuldade de enfatizar suas contribuições que poderiam impactar positivamente no plano terapêutico. Isso reforça a necessidade de incluir, ao longo da graduação em Farmácia, práticas que simulem situações reais de discussão clínica interprofissional, promovendo uma maior familiaridade com o trabalho em equipe.

O processo de inserção dos acadêmicos de Farmácia na dinâmica da disciplina teve uma evolução positiva na interação com a equipe interprofissional durante esse período, no primeiro momento os profissionais e os acadêmicos estavam em fase de adaptação à nova configuração de trabalho o que interferiu na troca de conhecimentos, com tudo, na segunda semana, foi possível identificar significativos avanços na relação interprofissional, as propostas sugeridas passaram a ser acolhidas e consideradas com maior receptividade mas ainda com um certo receio. Esse processo evolutivo mostrou a importância do tempo necessário para o estabelecimento de relações entre os profissionais de saúde, destacando como a interprofissionalidade se constrói de maneira gradativa e respeitosa na prática hospitalar.

Embora este relato esteja direcionado à experiência de acadêmicos de Farmácia, os achados sugerem que as barreiras à interprofissionalidade identificadas são um fenômeno recorrente em outros contextos e cursos da saúde. O estudo de Souza *et. al* (2024) sobre a interprofissionalidade nos currículos do curso de saúde de uma Universidade Pública da região Nordeste do brasil permitiu compreender que a educação interprofissional não é enfatizada nas Diretrizes Curriculares Nacionais desses cursos e que, no geral, os projetos pedagógicos dos cursos analisados não refletem a incorporação desses elementos na formação profissional de maneira sistemática.

Além disso, o trabalho de Cruz e Moreira (2023) realizado em uma Universidade Federal do Norte demonstrou que a maioria dos estudantes e professores dos cursos da área da saúde desconhecem e apresentam resistências à educação interprofissional.

É importante destacar que esses desafios identificados não são exclusivos do contexto hospitalar. Souza e Oliveira (2023) evidenciaram desafios à interprofissionalidade nos diferentes níveis de atenção do SUS, como as relações interpessoais conflituosas, contexto político que as unidades se inserem, relações de poder verticalizadas e infraestrutura inadequada para reuniões. Em contrapartida, os autores apontam que

os programas das residências multiprofissionais, Médicos pelo Brasil e/ou Mais Médicos e educação permanente em saúde dos trabalhadores são exemplos de superação desses desafios.

No estudo realizado por Cavalcante *et al.* (2021), os autores também relataram dificuldades na comunicação e na interação, tanto entre os acadêmicos quanto entre os profissionais, especialmente os da área médica. Além disso, os participantes identificaram a necessidade de projetos de extensão ou de componentes curriculares que promovam a convivência entre estudantes dos diferentes cursos da área da saúde, como forma de favorecer, desde a formação, o desenvolvimento de competências para a prática interprofissional no mercado de trabalho. Esse trabalho evidencia que, mesmo em contextos distintos, como a Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e a Unidade de Acidente Vascular Cerebral, os desafios relacionados à comunicação e à colaboração entre profissionais são semelhantes, reforçando, portanto, a importância de inserir a interprofissionalidade desde a formação acadêmica.

Do ponto de vista docente, a professora do curso de Farmácia relatou que a participação na disciplina interprofissional, voltada ao cuidado de pacientes internados no CTI, foi uma experiência ao mesmo tempo enriquecedora e desafiadora. A vivência evidenciou a complexidade do ensino na Farmácia, que abrange diversas áreas de atuação e apresenta uma dinâmica curricular extensa. No entanto, observa-se uma limitada articulação entre os conteúdos ministrados ao longo da graduação, bem como pouca interação entre os próprios docentes do curso.

Segundo a professora, é fundamental repensar o currículo, levando em consideração as diversas áreas de atuação, e as metodologias de ensino, promovendo uma maior integração entre os componentes curriculares e investindo em estratégias como simulações realísticas e outras metodologias ativas. A interprofissionalidade revela-se um caminho potente para o desenvolvimento do raciocínio clínico e da tomada de decisão centrada no cuidado ao paciente — não apenas para os estudantes, mas também para os professores envolvidos.

Diante do exposto, avançar na interprofissionalidade no curso de Farmácia necessita de uma dinâmica que proporcione experiências práticas em equipe, incentivando a interação entre os diferentes cursos da área da saúde desde os primeiros anos da graduação. A inserção de disciplinas optativas com enfoque em trabalho colaborativo, simulações de casos clínicos interprofissionais/ interdisciplinares, e maior exposição a ambientes hospitalares e assistenciais, pode contribuir para a formação de farmacêuticos mais preparados para atuar na área clínica. Além disso, é importante a capacitação de docentes para a abordagem interprofissional e a inclusão de metodologias ativas no ensino que podem auxiliar na redução das barreiras de comunicação e na valorização do papel do farmacêutico.

Para garantir uma formação profissional farmacêutica completa e apta às demandas do mercado de trabalho, um sistema de ensino baseado em dois momentos diferentes seria o ideal. Nesse sistema, o curso se iniciaria com um período voltado para disciplinas básicas que garanta conhecimentos essenciais para compreender os princípios e fundamentos da profissão, proporcionando uma base sólida e permitindo que os acadêmicos desenvolvam habilidades analíticas, críticas e técnicas antes de definir sua trajetória profissional específica.

No segundo momento os estudantes teriam a oportunidade de escolher disciplinas na área que pretendem atuar no mercado de trabalho, seja na área clínica, industrial, análises clínicas, perícia ou outras áreas, aprofundando-se em uma área de atuação de maior interesse. Esse modelo permitiria uma formação generalista, mas, também, direcionada e personalizada, atendendo tanto às necessidades individuais dos acadêmicos quanto às exigências do mercado de trabalho, que cada vez mais valoriza profissionais com conhecimento aprofundado em áreas estratégicas.

Para que seja possível o avanço do trabalho entre os profissionais, é essencial que as universidades estabeleçam parcerias com instituições de saúde para estágios interprofissionais supervisionados, possibilitando que os acadêmicos vivenciem a prática de maneira mais estruturada e inovadora. Outra estratégia seria a realização de eventos acadêmicos, workshops e simpósios voltados à integração entre os cursos da área da saúde, incentivando a troca de experiências e o fortalecimento do trabalho em equipe desde o início da jornada acadêmica, além da participação de profissionais da área que enfatizem a importância e os resultados da interprofissionalidade no mercado de trabalho e no cuidado integral ao paciente.

Dessa maneira, é de extrema importância que a interprofissionalidade seja incorporada de forma estruturada na formação dos futuros farmacêuticos que serão profissionais mais confiantes e eficazes na colaboração com outras áreas da saúde. Os desafios observados nesta experiência evidenciam a necessidade de mudanças curriculares de dinâmicas pedagógicas que incentivem o desenvolvimento de competências interprofissionais ao longo da graduação. Com essa abordagem, é possível que os acadêmicos estejam bem preparados tanto no aspecto conceitual quanto prático, tornando-se profissionais mais qualificados, inovadores e alinhados às demandas atuais.

Deve-se destacar como limitação deste estudo o curto período de participação dos acadêmicos no campo de prática. O tempo reduzido de convivência com a equipe interprofissional pode ter influenciado as percepções relatadas, particularmente no que se refere às barreiras de comunicação e à dificuldade com termos técnicos específicos de cada área, que tendem a ser superadas com uma integração mais prolongada. Além disso, o baixo nível de evidência pelo desenho de estudo desenvolvido nesta pesquisa não permite maiores extrapolações das constatações expostas por estes resultados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada pelos estudantes de Farmácia na disciplina interprofissional, mostrou que a participação em contextos clínicos reais fortaleceu a formação clínica e a compreensão do papel do farmacêutico e de suas habilidades para o trabalho em equipe. Dessa forma, iniciativa prepara os futuros profissionais para atuar de forma integrada e eficiente em complexos ambientes hospitalares. Embora, os acadêmicos tenham enfrentado desafios iniciais, como a dificuldade em compreender termos técnicos de outras áreas e a insegurança em propor intervenções farmacoterapêuticas, a experiência com a interprofissionalidade em um hospital, foi considerado como contributivo à formação a experiência vivenciada para uma possível futura atuação no mercado de trabalho após a conclusão do curso. O desenvolvimento mais preponderante foi observado na comunicação e na autoconfiança dos acadêmicos. Na segunda semana, as contribuições farmacêuticas tornaram-se mais assertivas e melhor recebidas pela equipe interprofissional, comprovando que a convivência em ambientes interprofissionais reduz efetivamente as barreiras entre as diferentes áreas da saúde. Além disso, os acadêmicos conseguiram entender que, apenas com a graduação, sem cursos de especializações na área, é mais difícil se posicionar na equipe e realizar intervenções farmacoterapêuticas, por não terem tanta base e experiência clínica. Assim, puderam ver a importância de continuarem seus estudos após a graduação. Foi um momento de reflexão e análise sobre a vontade de cada futuro farmacêutico de seguir carreira e profissionalizar-se em Farmácia Clínica. A valorização profissional do farmacêutico depende de muito conhecimento, dedicação e empoderamento por parte dos profissionais, que devem lutar constantemente por seu lugar e atuação na clínica, colaborando com a segurança dos pacientes. De fato, é contributivo a todo este processo de formação, a educação continuada para uma atuação clínica plena. Corroborando que, embora a graduação forneça bases importantes, a especialização é fundamental para consolidar o espaço do farmacêutico na equipe de saúde. Essa reflexão, por parte dos estudantes, destacou não apenas o valor do desenvolvimento profissional contínuo, mas também a importância de que futuros farmacêuticos assumam com segurança seu papel no cuidado ao paciente.

AGRADECIMENTOS E FINANCIAMENTO

Agradecemos a todos os profissionais hospitalares, docentes e discentes que contribuíram no desenvolvimento da disciplina 'Educação Interprofissional no Contexto dos Cuidados em Terapia Intensiva (CTI)'. Somos profundamente gratas por cada troca de conhecimento, pelas discussões enriquecedoras e pelos momentos de reflexão proporcionados. As aprendizagens construídas ao longo dessa experiência permanecerão como referências valiosas na trajetória profissional das autoras.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

CONFLITO DE INTERESSE

Nada a declarar.

REFERÊNCIAS

AZOULAY, E. *et al.* Risk of post-traumatic stress symptoms in family members of intensive care unit patients. American **Journal of Respiratory and Critical Care Medicine**, v. 171, n. 9, p. 987–994, 2005. DOI: https://doi.org/10.1164/rccm.200409-1295OC.

BRASIL. Conselho Federal de Farmácia. Resolução nº 572, de 25 de abril de 2013. Dispõe sobre a regulamentação das especialidades farmacêuticas, por linhas de atuação. Brasília, 2013. Disponível em: https://www.cff.org.br/userfiles/file/resolucoes/572.pdf. Acesso em: 15 abr 2025.

BRASIL. Conselho Federal de Farmácia. Resolução nº 585, de 29 de agosto de 2013. Estabelece normas sobre a atuação do farmacêutico na atenção farmacêutica. Brasília, 2013. Disponível em: https://www.cff.org.br/userfiles/file/resolucoes/585.pdf. Acesso em: 15 abr 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB nº 006, de 19 de outubro de 2017. Estabelece as diretrizes para os cursos de graduação. Brasília, 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=74371-rces006-17-pdf&category_slug=outubro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 15 abr. 2025.

CECCIM, Ricardo Burg. Conexões e fronteiras da interprofissionalidade: forma e formação. **Interface-**

Comunicação, Saúde, Educação, v. 22, n. Suppl 2, p. 1739-1749, 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/1807-57622018.0477

CFF - CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. Os 50 anos do Conselho Federal de Farmácia. 2011. Disponível em: https://www.cff.org.br/50anos/?pg=aspectoshistoricos. Acesso em: 15 abr. 2025.

CFF - CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. O farmacêutico no exercício da farmácia comunitária. Brasília, agosto de 2008. Disponível em: https://www.cff.org.br/sistemas/geral/revista/pdf/2/encartefarmaciacomunitaria. Acesso em: 15 abr. 2025.

CRUZ, Y. L. N.; MOREIRA , K. F. A. Os (des)caminhos da interprofissionalidade em uma universidade federal do norte: discursos e práticas docentes e discentes. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente,** *[S. l.]*, v. 14, n. 1, p. 444–465, 2023. DOI: https://doi.org/10.31072/rcf.v14i1.1286

MARGOTO, P. *et al.* Interprofissionalidade na formação acadêmica: perspectivas docentes nos cursos da área da saúde. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, v. 26, 2024. DOI: https://doi.org/10.47456/rbps.v26i1.42407

MARTINS, G.C**. Interprofissionalidade na formação: a percepção dos discentes da saúde em uma unidade de acidente vascular cerebral. 2022**. Dissertação (Mestrado em Ensino na Saúde) – Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Ensino na Saúde, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

MIRANDA, T.M.M.; PETRICCIONE, S.; FERRACINI, F.T; BORGES FILHO, W.M. Intervenções realizadas pelo farmacêutico clínico na unidade de primeiro atendimento. **Einstein (São Paulo),** v. 10, n. 1, p. 74-78, set. 2012. DOI: https://doi.org/10.1590/S1679-45082012000100015

PEDUZZI, M.; AGRELI, H.F. Trabalho em equipe e prática colaborativa na Atenção Primária à Saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, supl. 2, p. 1525-1534, 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0823.

ROSE, Louise. Interprofessional collaboration in the ICU: how to define?. **Nursing in critical care**, v. 16, n. 1, p. 5-10, 2011. https://doi.org/10.1111/j.1478-5153.2010.00398.x

SERAFIN, C.; CORREIA JÚNIOR, D.; VARGAS, M. Perfil do farmacêutico no Brasil: relatório. Brasília: Conselho Federal de Farmácia, 2015. Disponível em: https://www.cff.org.br/userfiles/file/Perfil%20do%20farmac%C3%AAutico%20no%20Brasil%20_web.pdf . Acesso em: 15 abr 2025.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE FARMÁCIA CLÍNICA. Origem da Farmácia Clínica no Brasil, seu desenvolvimento, conceitos relacionados e perspectivas. Brasília: SBFC, 2019. Disponível em: https://farmaciaclinica.org.br/wp-content/uploads/2022/01/SBFC_Documento-de-posicao_Versao-final_2020_01_17_Revisao-formatacao_Silvia_2020_01_19_v_final.pdf. Acesso em: 15 abr 2025.

SOUZA, A. A.; OLIVEIRA, K. L. de. **Cenário da colaboração interprofissional nos níveis de atenção do SUS: uma revisão de escopo.** 2024. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Nutrição) – Faculdade de Nutrição, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023.

SOUZA, M. Q. B. de; ALENCAR, T. O. S.; SUTO, C. S. S.; MUSSE, J. O. Interprofissionalidade nos currículos: uma análise dos cursos de saúde de uma instituição pública. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, *[S. l.]*, v. 29, n. 1, p. 242–261, 2025. DOI: https://doi.org/10.25110/arqsaude.v29i1.2025-11295

SPAGNOL, C.A. *et al.* Interprofissionalidade e interdisciplinaridade em saúde: reflexões sobre resistências a partir de conceitos da Análise Institucional. **Saúde em Debate**, v. 46, n. spe6, p. 185–195, 2022. DOI: https://doi.org/10.1590/0103-11042022E616.

TOASSI, R.F.C. **Interprofissionalidade e formação na saúde: onde estamos?** 1. ed. Porto Alegre: Editora Rede Unida, v.06. 2018. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/183942/001064798.pdf. Acesso em: 15 abr 2025.

VIANA, SIMONE BEATRIZ PEDROZO; HOSTINS, REGINA CÉLIA LINHARES. Educação interprofissional e integralidade do cuidado: uma leitura filosófica contemporânea dos conceitos. **Educação em Revista**, v. 38, p. e26460, 2022. DOI: https://doi.org/10.1590/0102-469826460